



**O aborto de vida inútil: a vida entre a secularização e o sagrado<sup>1</sup>**  
**The abortion of useless life: the life between secularization and the sacred**

**Aborto de vida inútil: la vida entre la secularización y lo sagrado**

Euler Renato WESTPHAL<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo abordou a visão da ética utilitarista sobre a dignidade humana. Segundo o utilitarismo, a vida humana não tem dignidade e nem valor em si mesma. O infanticídio poderia ser uma possibilidade para livrar os pais de crianças com alguma deficiência. A vida humana somente tem valor se houver autoconsciência e um projeto de vida. A partir disso, também se justificaria o melhoramento genético de seres humanos por meio da DGPI (Diagnóstico Genético Pré-Implantação) para que as crianças não adquirissem doenças graves. Quais são os limites entre eugenia e terapia, entre utilidade e dignidade humana? Alberto Giubilini, Francesca Minerva, Peter Singer, Hannah Arendt, Jürgen Habermas, Joachim Jeremias, Oscar Cullmann foram companheiros de discussão neste artigo. Constata-se que a dignidade humana, os direitos universais da pessoa são herança da teologia judaico-cristã. Deus ama incondicionalmente o pecador, o enfermo, o fraco e o excluído. A partir disso, a teologia cristã aponta para a solidariedade de Deus para com aqueles que são considerados, pela eugenia liberal, “vida sem valor”. O diálogo crítico entre bioética e a teologia tem a função de buscar critérios para que a vida humana não seja instrumentalizada por interesses de programadores humanos.

**Abstract:** This article approached the utilitarian ethic view about the human dignity. According to utilitarianism, the human life does not have dignity and it does not have worth by itself. The infanticide could be a possibility to free the

---

<sup>1</sup> O presente artigo é produto de pesquisas que estão ocorrendo no processo de pós-doutoramento nas Faculdades EST, São Leopoldo-RS, sob a supervisão do Prof. Dr. Rudolf Von Sinner. Agradeço o apoio financeiro da UNIVILLE para a realização dessas pesquisas. Também o agradecimento à FLT pelo incentivo ao pós-doutorado.

<sup>2</sup> Euler Renato Westphal é doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo/RS. Professor do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Joinville-SC. Professor de Teologia Sistemática na FLT, São Bento do Sul/SC. Publicações na área da Teologia, Cultura, Ética e Bioética. [eulerrw@brturbo.com.br](mailto:eulerrw@brturbo.com.br)



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 5* (2015/2).  
III Seminário UNESC de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESC of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESC de Humanidades Médicas / I Seminario UNESC de Humanidades Médicas  
Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

parents of children who have any handicaps. Human life only has value if there is self-consciousness and a life project. From that moment on, the genetic improvement would also be justified by the PGD (Preimplantation Genetic Diagnosis) so that children would not get serious diseases. Which are the limits between eugenics and therapy, among utility and human dignity? Alberto Giubilini, Francesca Minerva, Peter Singer, Hannah Arendt, Jürgen Habermas, Joachim Jeremias, Oscar Cullmann were partners of discussion in this article. It is remarked that the human dignity, the universal rights of human being are heritages of the Judeo-Christian theology. God unconditionally loves the sinner, the patient, the weak and the excluded. From that moment on, the Christian theology indicates to the solidarity of God to those who are considered, by the liberal eugenic, “not worth living”. The critical dialogue among bioethics and theology has the aim of seeking criteria so that the human life will not be instrumentalized by interests of human designers.

**Palavras-chave:** Bioética – Teologia - Direitos Humanos Universais - Patrimônio Cultural - Sustentabilidade.

**Keywords:** Bioethics – Theology - Universal Human Rights - Cultural Heritage - Sustainability.

RECEBIDO: 04.08.2015  
APROVADO<sup>3</sup>: 25.09.2015

\*\*\*

## I. Introdução

A questão da dignidade humana é central para uma ética universalista, bem como para a proteção de pessoas vulneráveis. Dignidade da pessoa e a concepção de eugenia são dois modelos opostos no contexto da bioética. Este artigo aborda as bases conceituais e as implicações de uma bioética utilitarista, que tem como base bibliográfica publicações de Alberto Giubilini e Francesca Minerva, bem como Peter Singer. Essas posições são confrontadas com as de Jürgen Habermas. A partir disso, serão apresentadas as bases teológicas e filosóficas para a ética focada na dignidade humana. O artigo pretende apontar para a relação entre a tradição cristã e a proteção da dignidade do ser humano. Discute-se o conceito de “vida sem valor” da ética utilitarista e a consequente exigência da ruptura com os conceitos cristãos de “pessoa”. Os fundamentos para a proteção e para a inviolabilidade do ser humano são encontrados na

---

<sup>3</sup> Revisão por pares / *Peer Review*: Patrícia Duarte Deps.



teologia judaico-cristã. Se a pessoa com deficiência é considerada vida inútil, qual a relação entre a eugenia, o infanticídio e a ciência médica moderna? De que modo “dignidade humana” pode ser considerada um conceito fundamental para a preservação da integridade do ser humano?

## II. O aborto pós-nascimento de uma “vida sem valor”

O pesquisador Alberto Giubilini e a pesquisadora Francesca Minerva, da universidade de Melbourne na Austrália, publicaram um artigo no *Journal of Medical Ethics*, defendendo a tese de que crianças que nasceram com algum tipo de doença ou invalidez, bem como aquelas que não são consideradas dignas de viver, deveriam ser abortadas depois do nascimento.<sup>4</sup> Na hipótese de uma criança nascer e, em virtude de alguma deficiência, vir a ser um peso insuportável para a família e colocar a saúde mental da mãe em risco, um aborto pós-nascimento poderia ser considerado eticamente sustentável.

Segundo os autores, essa mesma possibilidade se sustentaria se a mãe se separasse de seu companheiro, depois de saber que estava grávida e que não poderia sustentar o seu filho. Decorrente desse problema social e econômico, um aborto pós-nascimento poderia ser moralmente defensável.<sup>5</sup> Assim, segundo Giubilini e Minerva, a justificativa para o “*after-birth abortion*”, aborto pós-nascimento, encontra-se na ampla aceitação da prática de abortos convencionais, pois há similaridade entre a possibilidade de matar fetos, como se faz com o aborto legal, com a morte provocada em uma criança recém-nascida. Segundo os autores,

Levanta-se um problema filosófico sério quando as mesmas condições que teriam justificado aborto tornam-se conhecidas depois do nascimento. Em tais casos, precisamos acessar fatos para poder decidir se os mesmos argumentos que põem em prática o assassinato de um feto humano podem também ser considerados para pôr em prática o assassinato de um humano recém-nascido.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. GIUBILINI, Alberto; MINERVA, Francesca. “After-birth abortion: why should the baby live?” *Journal of Medical Ethics*. Publicado em: 23 fev. 2012. *Internet*, <http://jme.bmj.com/content/early/2012/03/01/medethics-2011-100411.full>

<sup>5</sup>Cf. *Ibid.*, p. 2.

<sup>6</sup> “A serious philosophical problem arises when the same conditions that would have justified abortion become known after birth. In such cases, we need to assess facts in order to decide whether the same arguments that apply to killing a human fetus can also be consistently applied to killing a newborn human.” *Ibid.*, p. 2. As traduções no presente artigo são do autor.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 5* (2015/2).  
III Seminário UNESC de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESC of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESC de Humanidades Médicas / I Seminario UNESC de Humanidades Médicas  
Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Se uma doença não fosse detectada durante a gravidez ou se houvesse asfixia perinatal, que deixasse severas deficiências mentais ou físicas na criança, a mãe ou os pais poderiam solicitar um aborto após o nascimento. Nesse caso, segundo os autores, se a criança não for eliminada após o nascimento, os pais terão que carregar o fardo de uma criança com deficiência pelo resto da vida.

Para os autores, crianças com deformidades e deficiências graves, como a Síndrome de Down ou a Síndrome de Treacher-Collins, são consideradas “vida sem valor” (“*notworth living*”). Apesar de afirmarem que também pessoas com deficiências podem ser felizes, o mais prudente seria eliminar o sofrimento. Assim, a tese principal de Giubilini e Minerva é a seguinte:

“Todavia, educar tal criança pode ser um peso insuportável para a família e para a sociedade como um todo, quando o estado proporciona economicamente o cuidado delas. Por esses motivos, o fato de um feto ter o potencial para tornar-se uma pessoa que terá, pelo menos, uma vida aceitável, não é razão para a proibição do aborto. Além disso, argumentamos que, quando ocorrem *após o nascimento*, de tal forma que elas justificariam o aborto, o que chamamos de *aborto pós-nascimento*, deveria ser permitido.”<sup>7</sup>

Segundo o artigo do *Journal of Medical Ethics*, as razões que justificariam um aborto pós-nascimento são as mesmas de um aborto convencional. A justificativa se fundamenta na equiparação entre o estatuto moral do recém-nascido e do feto. Se moralmente é possível justificar o aborto de um feto, também é possível justificar o assassinato de um recém-nascido. A legitimação seria de natureza eugênica, bem como social. Um aborto pós-nascimento se justificaria se a qualidade de vida da família estivesse em risco.<sup>8</sup> Assim, os autores no *Journal of Medical Ethics* operam com o conceito de não-pessoas, que merecem viver ou não, pois, segundo eles, a existência dos outros depende de nossas decisões. Somos nós que damos a elas o direito de ser pessoas ou de ser não-pessoas.

---

<sup>7</sup> “Nonetheless, to bring up such children might be an unbearable burden on the family and on society as a whole, when the state economically provides for their care. On these grounds, the fact that a fetus has the potential to become a person who will have an (at least) acceptable life is no reason for prohibiting abortion. Therefore, we argue that, when circumstances occur *after birth* such that they would have justified abortion, what we call *after-birth abortion* should be permissible.” GIUBILINI; MINERVA, 2012, p. 4.

<sup>8</sup>Cf. *Ibid.*, p. 4.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 5* (2015/2).  
III Seminário UNESC de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESC of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESC de Humanidades Médicas / I Seminario UNESC de Humanidades Médicas  
Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Será que a adoção seria uma possibilidade para evitar matar crianças não desejadas? Segundo os autores, em virtude do estresse imposto sobre a mãe pela adoção, a opção da adoção teria consequências piores do que o aborto depois do nascimento. Se critérios sociais, psicológicos e econômicos são justificáveis para um aborto de fetos saudáveis, também a morte de recém-nascidos deveria ser legítima, pois, em ambos os casos, trata-se apenas de pessoas em potencial. Para Giubilini e Minerva, “o status moral de um infante é equivalente àquele de um feto, isto é, nem pode ser considerada uma ‘pessoa’ em um sentido moral relevante”.<sup>9</sup>

### III. A descristianização como condição para as práticas eugênicas

O pensamento de que existe vida inútil e que há pessoas que não têm direito à existência é recorrente na literatura sobre ética. Para Peter Singer, a vida de um feto ou de um embrião não tem mais dignidade do que um animal que tenha o mesmo estágio de racionalidade e de consciência. Em consequência disso, um feto não pode ser reconhecido em seus direitos do mesmo modo como um adulto. Nessa lógica, para Singer, uma criança recém-nascida, de um mês de idade, não tem mais capacidades racionais, de consciência e de sentimento que muitos animais. Ao justificar o aborto de fetos, porque não têm capacidades de autoconsciência, para Singer, o valor de um recém-nascido é menor do que “a vida de um porco, de um cão ou de um chimpanzé”.<sup>10</sup> A partir disso, segundo ele, não podemos considerar um assassinato de um bebê como algo tão perverso. Singer também diz que

Pensar que as vidas dos bebês têm um valor porque eles são pequenos e engraçadinhos equivale a pensar que o filhote de uma foca, com sua pele branca e macia e seus olhos redondos, merece mais proteção que um gorila, que não possui esses atributos.<sup>11</sup>

A visão de Singer não se limita aos fetos e recém-nascidos, mas também inclui crianças maiores e adultos que tenham uma idade mental semelhante àquela de um bebê. Para ele, o critério para que a pessoa seja reconhecida como tal é o

---

<sup>9</sup> “The moral status of an infant is equivalent to that of a fetus, that is, neither can be considered a ‘person’ in a morally relevant sense.” GIUBILINI & MINERVA, 2012, p. 3.

<sup>10</sup> SINGER, Peter. *Ética Prática*. 2. ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998 [1993], p. 179. Cf. DINIZ, Debora; GUILHELM, Dirce. *O que é Bioética*. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 52-56.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 179.



critério da racionalidade, da consciência e da autoconsciência. Singer se vale das tradições de povos orientais, como a China, de povos primitivos como da Groenlândia, dos aborígenes da Austrália, bem como da Grécia antiga, onde o infanticídio de bebês doentes ou com deficiências era comum. Essa prática, segundo Singer, era moralmente necessária e uma forma de controle demográfico. Ainda segundo ele: “Por último, o recém-nascido não é um ser autônomo, capaz de fazer escolhas, portanto, matar um recém-nascido não pode violar o princípio do respeito pela autonomia”. A dignidade humana, a partir da sua utilidade, é pensada até as últimas consequências ao afirmar: “Os espartanos não eram os únicos a abandonar as suas crianças nas encostas das montanhas: tanto Platão quanto Aristóteles recomendavam a morte dos bebês deformados”.<sup>12</sup>

Singer diz acertadamente que, com o advento do cristianismo, a antiguidade rompeu com as práticas de infanticídio, que eram comuns na cultura greco-romana. O cristianismo, em seus primórdios, eliminou as bases teóricas que pudessem legitimar o infanticídio. A sacralidade da vida, defendida pelo cristianismo, impediu a prática do infanticídio e do assassinato das pessoas adultas com idade mental de uma criança. Para a teologia cristã, a eugenia foi considerada uma prática insustentável. Singer diz: “Talvez hoje seja possível examinar essas questões sem adotar a estrutura moral cristã que, por tanto tempo, impediu toda e qualquer reavaliação essencial”.<sup>13</sup>

Singer admite ser necessário abandonar o caráter sagrado da vida humana. Esses conceitos cristãos não permitem o infanticídio e “o que seria horrível, em alguns casos, é a recusa em admitir que é preciso matar.”<sup>14</sup> Singer diz, adiante, que a morte do bebê se justifica porque “a vida será tão miserável que nem vale a pena vivê-la”.<sup>15</sup> Uma criança com Síndrome de Down ou uma pessoa hemofílica, por exemplo, poderiam ser eliminadas, porque são pessoas cuja vida não tem valor.<sup>16</sup>

As posições utilitaristas de Alberto Giubilini, Francesca Minerva e de Peter Singer são semelhantes. Os pesquisadores italianos propõem que se substitua o

---

<sup>12</sup>SINGER, *op. cit.*, p. 182.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 182. Singer cita Bentham, várias vezes, dizendo que o infanticídio “não leva a mais medrosa das imaginações a sentir a menor inquietação.” *Ibid.*, p. 180.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 185.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 194.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 185.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 5* (2015/2).  
III Seminário UNESC de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESC of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESC de Humanidades Médicas / I Seminario UNESC de Humanidades Médicas  
Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

termo infanticídio, tão caro para Singer, por “aborto pós-nascimento”. Para os autores acima citados, o critério para dizer que a vida vale a pena a ser vivida é a autoconsciência e a possibilidade de projetar o futuro da pessoa, ou seja, “aqueles que não estão em condições de atribuir qualquer valor à sua própria existência não são pessoas”.<sup>17</sup> O discurso sobre o valor intrínseco do ser humano é, segundo Singer, uma invenção cristã. Diante dessa afirmação, precisamos analisar o alcance da afirmação de Singer, de que a justificativa moral do aborto e do infanticídio foi rompida com o advento do cristianismo. Segundo Singer, para que o infanticídio seja possível é necessário haver um processo de descristianização, pois o responsável último pelos entraves culturais para um “*after-birth abortion*” é a tradição cristã. A proposta de Singer, também de Giubilini e Minerva, recoloca a agenda da bioética em um contexto político e cultural pós-cristão e pós-metafísico. Em última análise, a perspectiva utilitarista, dos autores acima citados, propõe uma visão pós-cristã da bioética ou “neopagã”, segundo Habermas.<sup>18</sup>

Hannah Arendt confirma as raízes cristãs da dignidade humana. Segundo ela, a ideia de santidade de vida proporcionou modelos de pensamento para que a vida humana fosse considerada como o valor maior a ser preservado. A consciência da dignidade da vida perpassa a história ocidental até a era moderna. A visão cristã rompeu com a antiguidade, que entendia que o cosmo, o universo, seria imortal. Segundo Hannah Arendt, a partir do evento e da mensagem de Cristo é que a vida humana passa a ter o lugar que era atribuído ao cosmo pelos antigos gregos.

A fé cristã trouxe esperança para a vida humana, que era considerada como mortal, ao contrário do cosmo imortal dos gregos. Assim, a imortalidade impossível, para os gregos, é dada por meio de Cristo, como vida nova e eterna. A partir disso, a vida humana é compreendida como sagrada e inviolável. Esse foi um entendimento que perpassou a história e se estendeu também ao longo da modernidade. Mesmo com o declínio da fé cristã, por meio da secularização,

---

<sup>17</sup>“who are not in the condition of attributing any value to their own existence are not persons.” Cf. GIUBILINI & MINERVA, 2012, p. 4.

<sup>18</sup> HABERMAS, Jürgen. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007. Cf. ENGELHARDT, Jr., H. Tristram. *Fundamentos da Bioética*. 2. Ed. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 2004, p 310-313.



o lugar privilegiado da “sacrossantidade da vida” permaneceu inabalável, conforme Arendt.<sup>19</sup>

Segundo ela, não é demais lembrar que o cristianismo vem da tradição hebraica, que tem a santidade da vida e, com isso, a “preservação da vida como a pedra angular do sistema legal do povo judeu”.<sup>20</sup> Desse modo, “a ênfase colocada, pelo cristianismo, na inviolabilidade da vida”, não permitia o desprezo ao escravo como os gregos faziam.<sup>21</sup> Assim, a manutenção do regime escravagista não era mais possível, em virtude da visão cristã da dignidade da vida humana, que deve ser vivida intensamente na terra, e da esperança de vida eterna. Para Hannah Arendt, a modernidade rompe com a dimensão da vida eterna do cristianismo, pois substituiu a *vita contemplativa*, a dimensão escatológica, pela *vita activa*, a capacidade de transformação do mundo pelo ser humano. Assim, a modernidade não está mais preocupada com esperança da vida eterna do cristianismo, mas foca sua visão nas ações técnicas de dominação sobre a natureza. Apesar dessas rupturas, a vida como bem supremo continua a ser reconhecida como patrimônio cultural e natural na modernidade. Também os sistemas legais e éticos pós-cristãos não abandonaram a dignidade humana. Esse patrimônio tem como origem e fonte a tradição da fé cristã.<sup>22</sup>

#### IV. A eugenia liberal e o *design* perfeito

Podemos concluir que o aborto e o infanticídio são formas de eugenia negativa. Para que a eugenia negativa seja eticamente sustentável é necessário romper com a tradição cristã.<sup>23</sup> Assim, removido o obstáculo judaico-cristão, é possível pensar em outras possibilidades de eliminação de pessoas que são consideradas não-pessoas, ou seja, aquelas que têm suas capacidades de consciência

---

<sup>19</sup> Cf. ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 327, 119.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 328.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 329.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 332. “A força da vida é a fertilidade. O organismo vivo não se esgota após garantir sua reprodução; o ‘excedente’ está em sua potencial multiplicação.” *Ibid.*, p. 120.

<sup>23</sup> Cf. DINIZ, Debora; ALMEIDA, Marcos de. ‘Bioética e Aborto’. In: COSTA, Sergio Ibiapina Ferreira, OSELKA, Gabriel; GARRAFA, Volnei (Coord.). *Iniciação à Bioética*. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998. p. 125-137. Cf. BEZERRA, Carla de Paiva. “De qual vida estamos falando? Análise crítica dos discursos sobre o aborto e perspectivas”. *Revista dos estudantes de direito da UNB*. 6. ed., s/d., p. 210-214. Disponível em: <seer.bce.unb.br/index.php/redunb/article/download/2918/2522>. *Internet*,

<http://www.arco.org.br/periodicos/revista-dos-estudantes-de-direito-da-unb/6a-edicao>



diminuídas. Se o aborto é sustentável, assim também o infanticídio o seria. Ambos seriam recursos eugênicos para evitar o sofrimento de “vidas inúteis” para a sociedade. Além da eugênica negativa, temos a eugenia positiva, sobre a qual Habermas discute.

A eugenia positiva seria obtida por meio das mudanças genéticas para fins terapêuticos. O embrião manipulado geneticamente, por meio do DGPI (Diagnóstico Genético Pré-Implantação), talvez venha a ser uma pessoa no futuro.<sup>24</sup> O DGPI é um procedimento complexo e com potencial para novos dilemas éticos. Na técnica DGPI, o embrião com oito a dezesseis células é testado para que se constate se ele tem alguma alteração na estrutura dos cromossomos, que poderiam apontar para alguma doença genética. Indica-se o DGPI para famílias que apresentem histórico de alguma doença degenerativa.<sup>25</sup>

Habermas chama a atenção para o fato de o DGPI (Diagnóstico Genético Pré-Implantação) eliminar um embrião doente e selecionar embriões para atender interesses dos pais. Nesse procedimento, opera-se com a classificação entre a vida que é digna de ser vivida e a vida que não é digna, a vida útil e a vida inútil.<sup>26</sup> O problema moral indissolúvel é que a pessoa programada por meio da seleção ou modificação embrionária se torna aquilo que o programador quer que ela seja. Assim, há intervenção direta do programador, de um *designer*, na história de vida de outra pessoa. O patrimônio natural de gerações, que perpassa a história da humanidade, é definitivamente alterado.

Segundo Habermas,

A pessoa programada não é capaz de entender a intenção do programador, inserida nela por meio do genoma alterado, como um fato natural ou como uma circunstância contingente, que limita seu campo de ação.<sup>27</sup>

O planejador colocará, na pessoa programada, os seus interesses genéticos, sem considerar a constituição genética do outro.<sup>28</sup> As práticas de aperfeiçoamento, ou eugenia liberal, ferem a visão de uma sociedade pluralista e democrática.<sup>29</sup> A

---

<sup>24</sup> Cf. HABERMAS, Jürgen. *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 61.

<sup>25</sup> Cf. *Ibid.*, p. 66.

<sup>26</sup> Cf. *Ibid.*, p. 94-95, 131

<sup>27</sup> Cf. *Ibid.*, p. 83.

<sup>28</sup> Cf. *Ibid.*, p. 88-89.

<sup>29</sup> Cf. *Ibid.*, p. 91-92.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 5* (2015/2).  
III Seminário UNESC de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESC of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESC de Humanidades Médicas / I Seminario UNESC de Humanidades Médicas

Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

questão levantada por Habermas é que “o modo como lidamos com a vida humana antes do nascimento (ou com as pessoas após a morte) afeta nossa auto compreensão enquanto seres da espécie.”<sup>30</sup>

A aceitação da modificação genética, pela sociedade, leva a nos habituarmos com as práticas de eugenia liberal. Desse modo, a criação de humanos com um novo *design* por um *designer* é vista como prática moralmente aceitável.<sup>31</sup> O filho vem ao mundo a partir dos critérios de qualidade do mercado.<sup>32</sup> A eugenia liberal pretende poupar os pais do “insuportável fardo” que precisam carregar, classificando a “vida que vale a pena” e a “vida que não vale a pena”, a “vida que tem valor” e a “vida sem valor”. O argumento para uma eugenia liberal seria que “os pais podem pretender que se tome, por precaução, uma decisão no interesse da criança ainda não nascida, para *poupá-la* de uma existência sobrecarregada por uma deficiência insuportável e torturante”.<sup>33</sup>

A ciência médica tem a tarefa de combater doenças e de ajudar as pessoas, a partir da visão do duplo amor. Entretanto, não temos o direito de determinar a vida das pessoas no futuro nem o *design* genético do outro, impondo as suas decisões éticas no futuro. Diante da manipulação do embrião, nega-se a ele a sua inviolabilidade e sua dignidade, pois, tira-se dele sua natureza moral. O embrião de hoje é o único legitimamente responsável pelas suas decisões éticas no futuro.<sup>34</sup> Isso poderia acontecer com os pais que queiram ter filhos surdos como eles mesmos são. Os pais defendem que os filhos têm direito ao silêncio, ou seja, direito à surdez. Em virtude disso, fazem uso do DGPI com o objetivo de gerar filhos surdos.<sup>35</sup>

Esse é o problema moral que se impõe ao outro, pois a dignidade moral lhe é negada. A dignidade como patrimônio cultural da humanidade é substituída pela futilidade do consumo de adultos narcisistas. Os filhos surdos não terão direito de ouvir música, de se comunicar normalmente, aprender outros idiomas, perceber perigos. Eles ficarão restritos à sua surdez programada, que alguém outro determinou. Além da escolha de um filho surdo, poderiam

---

<sup>30</sup> Cf. *Ibid.*, p. 92.

<sup>31</sup> Cf. *Ibid.*, p. 98-99.

<sup>32</sup> Cf. *Ibid.*, p. 132.

<sup>33</sup> Cf. *Ibid.*, p. 131.

<sup>34</sup> Cf. HABERMAS, 2004, *op. cit.*, p. 121-124.

<sup>35</sup> Cf. ZATZ, Mayana. *Genética: escolhas que nossos avós não faziam*. São Paulo: Globo, 2011, p. 130-131.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 5* (2015/2).  
III Seminário UNESCO de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESCO of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESCO de Humanidades Médicas / I Seminario UNESCO de Humanidades Médicas  
Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

escolher que o futuro filho adulto seja cego. Também é possível escolher o sexo da criança ou as habilidades e capacidades artísticas ou técnicas quando adulto. Enfim, as escolhas são tantas quantas estiverem ao alcance das possibilidades do *design* eugênico. Segundo Regalado,

Críticos mencionam muitos medos. Crianças seriam submetidas às experiências. Pais seriam influenciados por comerciais genéticos de clínicas de fertilização *in vitro*. Engenharia de Linhagem genética levaria à “eugenia positiva,” encorajando a propagação de uma alegada superioridade genética. E isso afetaria pessoas ainda não nascidas, sem que elas fossem capazes de concordar com isso.<sup>36</sup>

## V. O Deus miserável e a dignidade humana

Afirmar a dignidade humana é possível a partir de uma confissão de fé. Essa dignidade vem daquilo que Jesus Cristo concedeu ao ser humano, que é a redenção para as pessoas, em especial aos excluídos, aos deficientes, àqueles que não são reconhecidos como pessoas.<sup>37</sup> Segundo o testemunho neotestamentário, não há vida humana que pudesse ser considerada sem valor. O apóstolo Paulo diz, em 1 Coríntios 1.28, “e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são para reduzir a nada as que são”.<sup>38</sup> O verbo utilizado por Paulo é *onta*, que é o particípio presente ativo, plural neutro do verbo ser, em grego, *eimi*. Esse é um verbo fundamental para a descrição de realidade na filosofia grega, a ontologia, e para a atribuição de dignidade aos cidadãos livres, os eugênicos. Entretanto, Deus escolheu as pessoas não dignas, não-eugênicas, mas desprezadas, inúteis, sem existência, como, por exemplo, os escravos, vulneráveis e deficientes mentais.

---

<sup>36</sup>Critics cite a host of fears. Children would be the subject of experiments. Parents would be influenced by genetic advertising from IVF clinics. Germ-line engineering would lead to “positive eugenics,” encouraging the spread of allegedly superior genes. And it would affect people not yet born, without their being able to agree to it. REGALADO, Antonio. ‘Engineering the Perfect Baby: Scientists are developing ways to edit the DNA of tomorrow’s children. Should they stop before it’s too late?’ *MIT Technology Review*, 5 mar., 2015, p.5. *Internet*, <http://www.technologyreview.com/featuredstory/535661/engineering-the-perfect-baby/>

<sup>37</sup> Cf. SELETTI, Jean Carlos; GARRAFA, Volnei. *As raízes cristãs da autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>38</sup> NOVUM TESTAMENTUM GRAECE. NESTLE, Eberhard & ALAND, Kurt *et alii* (eds). 26, Aufl., Stuttgart, Deutsche Bibelstiftung, 1979.



Quando Paulo fala que Deus escolheu aqueles “que não são”, isso significa que Deus não escolheu aqueles de linhagem étnica pura, os eugênicos. Deus escolheu “os que não são” para lhes dar dignidade. A partir da redenção em Cristo, a questão crucial do cristianismo é a dignidade e a sacralidade da vida. A fundamentação da dignidade é que Deus amou o mundo e veio para resgatar a sua criação. Engelhardt entende que a cristandade ocidental, que se dilacera pelas contradições do Iluminismo e vive nos escombros da pós-modernidade, está em um beco sem saída. Para ele, é necessário voltar ao testemunho do primeiro século, para que se possa ver novamente sentido para o ser humano, em especial, o excluído e o vulnerável.<sup>39</sup>

A partir dos autores em questão, a pergunta pelo estatuto moral do ser humano tem suas raízes na tradição judaico-cristã, ou seja, no testemunho cristão do primeiro século. É o Deus da criação e da redenção que é a luz que brilha sobre o mundo. Assim, “a voz de Deus que chama para a vida, comunica desde o início dentro de um universo moralmente sensível”.<sup>40</sup> A partir de Gênesis 2.15, a dignidade do ser humano é concedida por Deus para que o ser humano molde o mundo, cultivando o jardim de Deus, construindo cultura a partir da criação colocada à disposição dos seres humanos.<sup>41</sup>

Para Brakemeier, “o ímpio, o vilão, o descrente, todos continuam sendo imagem de Deus. A fidelidade de Deus constrói uma cerca protetora em torno das pessoas, impedindo que sejam consideradas refugio”.<sup>42</sup> Mesmo quando não se crê na existência de Deus, não é possível abrir mão do relato da criação de que o ser humano é imagem de Deus, como fundamento para uma antropologia que respeite a dignidade do ser humano. Habermas diz, “não precisamos acreditar que Deus, que é o amor, criou em Adão e Eva seres livres, que lhe são semelhantes, para entendermos o que significa ‘à imagem de’”.<sup>43</sup>

O mal radical do ser humano, apesar de permanecer imagem de Deus, coloca-o no centro de sua existência. Ele se rebela contra o senhorio de Deus e está encurvado em si mesmo, seu *eu* é o centro do mundo. Em virtude de o ser

---

<sup>39</sup> ENGELHARDT JR., H. Tristram. *Fundamentos da Bioética cristã ortodoxa*. Trad. Luciana Moreira Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2003, p. 152-153.

<sup>40</sup> HABERMAS, 2004, *op. cit.*, p. 153.

<sup>41</sup> Cf. BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade*; contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo; São Paulo: Sinodal; Paulus, 2002. p. 18-22.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>43</sup> HABERMAS, 2004, *op. cit.*, p. 153.



humano querer ser Deus, ele precisa de redenção e de libertação da sua inimizade com Deus.<sup>44</sup> Segundo Cullmann, “A fé que os primeiros cristãos depositaram na história da salvação pressupõe *essa consciência do pecado e da culpabilidade*. É somente sobre essa base que a história da salvação pode ser colocada em relação ao indivíduo. De maneira geral, toda a história da salvação só é inteligível partindo-se da consciência do pecado, pois é o pecado humano que torna esta história necessária”.<sup>45</sup>

A partir da teologia da criação e da redenção, Cristo rompe com todas as possibilidades de eugenia, porque aceita os fracos e aqueles a quem não é dado o direito de viver. A maldição que a eugenia profere sobre os deficientes, foi assumida por Cristo. Ele é o maldito de Deus, ele foi excluído para que os fracos e os indignos tivessem dignidade. O Deus-Filho, Jesus Cristo, morreu para que o ser humano pudesse viver.<sup>46</sup>

O anúncio de Jesus, do perdão dos pecados e da esperança da vida eterna, foi dirigido aos pobres e pecadores, que eram desprezados como indignos. Pecadores eram pessoas mal afamadas e exerciam uma profissão desprezada. Os pobres eram considerados os sem instrução, ignorantes e impiedosos. Jesus chamou pessoas consideradas indignas para o seu discipulado. Os oprimidos são os difamados, em hebraico, *'amme há'arets*, os *'ani* e *'anaw*.<sup>47</sup> Segundo Jeremias, “Com certeza todos os necessitados, os que sofrem sede e fome, os nus e os estrangeiros, os doentes e os prisioneiros, fazem parte dos ‘pequeninos’: eles são os meus irmãos (Mt 25.31-46) ”.<sup>48</sup>

Jesus chama mulheres e crianças para participarem do Reino de Deus. Mulheres e crianças estavam entre as pessoas menosprezadas na antiguidade. Havia uma longa lista de pessoas consideradas impuras, não eugênicas, que não tinham uma vida que valesse a pena ser vivida. Segundo estudos de Joachim Jeremias, as pessoas consideradas sem valor, pelo sistema jurídico, eram os surdos-

---

<sup>44</sup> BRUNNER, Emil. *Der Mensch im Widerspruch*: Die christliche Lehre vom wahren und vom wirklichen Menschen. 5ª ed. Zurique: TVZ, 1970, p. 127-140.

<sup>45</sup> CULLMANN, Oscar. *Cristo e o Tempo*: Tempo e História no Cristianismo primitivo. Trad. Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2003, p. 265.

<sup>46</sup> WETHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso*: o uso e abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal Faculdades EST, 2008, p. 110-112, 167.

<sup>47</sup> Cf. JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 175-182.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 182



mudos, os dementes, crianças, cegos, escravos, disformes, hermafroditas, cegos, doentes, velhos e aleijados e coxos. Em especial, estão relacionadas aquelas pessoas que não têm domínio sobre suas plenas capacidades mentais, citadas junto com crianças e mulheres.<sup>49</sup>

Terry Eagleton chama a atenção para a inversão que o Novo Testamento faz em relação à Antiguidade como um todo. A mulher Maria é o exemplo da inversão que Deus operou na história, pois “uma mulher obscura da Galileia, escolhida, sem qualquer razão particular, para transforma-se na mãe de Deus. À medida que ela é elevada dessa forma, Deus se humilha ao assumir forma humana no útero de Maria”.<sup>50</sup> Os descartados, os inúteis, vulneráveis, ou seja, aqueles a quem a sociedade negou a existência por não terem vida que valesse ser vivida são incluídos no Reino de Deus. Segundo Eagleton, Paulo diz que os ‘*ani* são considerados “o lixo sobre a terra” pela cultura Greco-romana de sua época. Jesus se humilha tornando-se um ‘*ani*, um “lixo sobre a terra” para que os destituídos de toda a dignidade pudessem ser reconhecidos como plenamente humanos. O escândalo da *kenosis* (humilhação) e da cruz, que é o massacre do Filho de Deus, é condição para uma vida de paz e fraternidade. Jesus é irreduzível nas suas posições em favor do “lixo sobre a terra”.<sup>51</sup>

## Conclusão

Há convergências significativas, tanto dos autores que defendem a dignidade humana quanto dos que defendem o utilitarismo e a eugenia, e se opõe à tradição cristã. De fato, falar de dignidade da pessoa somente é possível a partir da teologia cristã da criação e da redenção. O ser humano não é redimido por causa de seus méritos e nem pelas suas características eugênicas morais ou biológicas, mas por causa do amor de Deus ao ser humano, na sua dignidade e na sua tragédia. Ele escolheu os escravos, os rejeitados pela antiguidade Greco-romana para dar dignidade aos que “não são”, ou seja, a dignidade é conferida àqueles que não tinham direito nem à dignidade nem à existência. Cristo assume a rejeição e a indignidade na condição de escravo em benefício daqueles que não têm vida que vale a pena ser vivida. Em virtude de Cristo, os rejeitados são alguém, são cidadãos.

---

<sup>49</sup> JEREMIAS, *op. cit.*, p. 332.

<sup>50</sup> EAGLETON, Terry. *Jesus Cristo e os Evangelhos*. Trad. José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 23.

<sup>51</sup> Cf. *Ibid.*, p. 24-25.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 5* (2015/2).  
III Seminário UNESCO de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESCO of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESCO de Humanidades Médicas / I Seminario UNESCO de Humanidades Médicas

Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Constatou-se, a partir dos textos teóricos de linhas bioéticas diferentes e antagônicas, que o pressuposto de que toda a vida humana tem valor é uma herança fundamental da tradição advinda do Novo Testamento. A teologia da criação e da redenção proporciona as bases éticas da inviolabilidade da vida humana. A partir disso, o “*after-birth abortion*”, que é o infanticídio, é eticamente insustentável, porque rompe obrigatoriamente com a teologia judaico-cristã. O infanticídio também significa ruptura com as conquistas do estado democrático e com o princípio da tolerância ao diferente e a aceitação da pessoa com deficiências. Falar de direitos humanos, de democracia, tolerância, inclusão de pessoas vulneráveis e de cuidados com a pessoa doente, somente é possível com base na tradição cristã. A concepção de dignidade humana, seus direitos, sua liberdade, a tolerância, o valor atribuído à pessoa vulnerável, continua sendo o maior patrimônio cultural da modernidade, mesmo sendo uma modernidade secularizada.<sup>52</sup>

A eugenia liberal poderá, por meio da DGPI, reprogramar pessoas e criar futuras gerações “à imagem e semelhança” de seus *designers*. Encontramos a intenção de proporcionar saúde e de eliminar a doença tanto na ética utilitarista quanto na eugênica liberal. Ambas têm em comum a necessidade de descristianizar a visão antropológica da dignidade humana para que a eugenia possa ser levada a cabo. A diferença consiste no método, pois, para a visão utilitarista, as doenças são combatidas com a eliminação do feto ou do recém-nascido doente, enquanto que, na eugenia liberal, a doença é combatida por meio da modificação genética e da criação de pessoas que satisfazem os interesses dos seus criadores.

A tarefa da teologia é a de afirmar a inviolabilidade da vida humana, no contexto de uma cultura utilitarista pós-moderna e descristianizada. Eagleton aponta para a função da teologia, ao dizer que “para Jesus, não pode haver negociação entre o domínio da justiça e os poderes deste mundo. A esse respeito, ele confronta os que estão à sua volta de maneira absolutamente decidida”. A teologia deve se colocar ao lado daqueles considerados refugio, pois “Ou estão com ele ou contra ele. Não há lugar para o meio-termo liberal”.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> Cf. SLOTERDIJK, Peter. *Die schrecklichen Kinder der Neuzeit: Über das anti-genealogische Experiment der Moderne*. Berlin: SuhrkampVerlag, 2014, p. 309-311.

<sup>53</sup> EAGLETON, *op. cit.*, p. 24.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 5* (2015/2).  
III Seminário UNESC de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESC of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESC de Humanidades Médicas / I Seminario UNESC de Humanidades Médicas  
Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

\*\*\*

## Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BEZERRA, Carla de Paiva. “De qual vida estamos falando? Análise crítica dos discursos sobre o aborto e perspectivas”. *Revista dos estudantes de direito da UNB*, 6ª Ed, s/d, p. 210-214. *Internet*, <seer.bce.unb.br/index.php/redunb/article/download/2918/2522>. *Internet*, <http://www.arcos.org.br/periodicos/revista-dos-estudantes-de-direito-da-unb/6a-edicao>
- BRAKEMEIER. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo; São Paulo: Sinodal; Paulus, 2002.
- BRUNNER, Emil. *Der Mensch im Widerspruch: Die christliche Lehre vom wahren und vom wirklichen Menschen*. 5. ed. Zurique: TVZ, 1970.
- CULLMANN, Oscar. *Cristo e o Tempo: Tempo e História no Cristianismo primitivo*. Trad. Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2003.
- DINIZ, Debora; GUILHELM, Dirce. *O que é Bioética*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- DINIZ, Debora; Almeida, Marcos de. ‘Bioética e Aborto’. In: COSTA, Sergio Ibiapina Ferreira; OSELKA, Gabriel; GARRAFA, Volnei (Coord.). *Iniciação à Bioética*. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998. p. 125-137.
- EAGLETON, Terry. *Jesus Cristo e os Evangelhos*. Trad. José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ENGELHARDT JR., H. Tristram. *Fundamentos da Bioética*. 2. Ed. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentos da Bioética cristã ortodoxa*. Trad. Luciana Moreira Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2003.
- GIUBILINI, Alberto; MINERVA, Francesca. “After-birth abortion: why should the baby live?” *Journal of Medical Ethics*. Publicado em 23 de fevereiro de 2012. *Internet*, <http://jme.bmj.com/content/early/2012/03/01/medethics-2011-100411.full>
- HABERMAS, Jürgen. *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.
- JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.
- REGALADO, Antonio. “Engineering the Perfect Baby: Scientists are developing ways to edit the DNA of tomorrow’s children. Should they stop before it’s too late?” *MIT Technology Review*, 5 mar. 2015, p. 5. *Internet*, <http://www.technologyreview.com/featuredstory/535661/engineering-the-perfect-baby/>
- SELETII, Jean Carlos; GARRAFA, Volnei. *As raízes cristãs da autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SLOTERDIJK, Peter. *Die schrecklichen Kinder der Neuzeit: Über das anti-genealogische Experiment der Moderne*. Berlin: SuhrkampVerlag, 2014.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). **Mirabilia Medicinæ 5** (2015/2).  
III Seminário UNESC de Humanidades Médicas / I Seminário UFES de Humanidades Médicas  
III Seminar UNESC of Medical Humanities / I Seminar UFES of Medical Humanities  
III Seminario UNESC de Humanidades Médicas / I Seminario UNESC de Humanidades Médicas  
Jul-Dez 2015/ISSN 1676-5818

- SINGER, Peter. *Ética Prática*. 2ª ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998 [1993].
- WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal Faculdades EST, 2008.
- ZATZ, Mayana. *Genética: escolhas que nossos avós não faziam*. São Paulo: Globo, 2011.